



Oficina 3: NÃO-VIOLÊNCIA, A REFERÊNCIA FUNDAMENTAL

Objetivos

1. Despertar para o sentido da não-violência e de sua centralidade na educação para a paz.
2. Oportunizar a apropriação do referencial teórico e prático da não-violência.

Desenvolvimento da oficina

Primeiro momento: integração

1. Retomada dos nomes, se for oportuno.
2. *Jacarés e sapos*. É preciso uma coisa que faça barulho, tipo uma lata e um pedaço de madeira ou um sino, ou música. Uma dúzia de sacos de papel ou folhas de jornal. Tirar as cadeiras do meio da sala. Explicar que o chão, agora, é um lago. Dar as instruções: todos os participantes são sapos e um é o jacaré. O facilitador espalha uma dúzia ou mais de sacos de papel ou folhas de jornal pelo chão da sala. São plantas aquáticas de folhas largas. A meta do jacaré é comer os sapos, a meta dos sapos é escapar. As regras do jogo são:
 - a) Quando o jacaré está dormindo, ele está roncando, o que será indicado pelo barulho que fará com o objeto que produz o som; os sapos precisam nadar em torno do lago, não podendo subir nas folhas das plantas aquáticas.
 - b) O jacaré, enquanto ronca, também vai se movendo ao redor da sala e removendo algumas plantas do chão.
 - c) Quando o jacaré acorda e pára de roncar, os sapos precisam pular para cima de uma planta, antes de serem “comidos” pelo jacaré, o que significa que são tocados no ombro.
 - d) Mais de um sapo pode ficar em cima de uma planta. Os sapos podem ter um pé em cima da planta e um no ar, mas nenhuma parte deles pode estar tocando na água.O jacaré vai removendo, pouco a pouco, mais e mais folhas de papel, de modo que o grupo precisa cooperar para sobreviver em cima das poucas remanescentes.

Primeiro momento: sensibilização

3. Memória da oficina anterior e apresentação dos objetivos desta.
4. *Dinâmica do Barômetro*. O facilitador solicita ao grupo que se levante e leve as cadeiras e as mesas para o canto da sala. Demarca uma linha imaginária no meio da sala, com cadeiras ou outros objetos. Um lado da linha fica sendo chamado de “violento”, o outro de “não-violento”. Quanto mais longe da linha, maior o índice de “violência” ou “não-violência”. A seguir o facilitador pergunta às pessoas porque se posicionaram onde estão. Uma das regras é que os/as participantes podem mudar de lugar se alguma coisa que alguém disser os ajude a mudar de opinião. A opinião de cada um/a deve ser respeitada. Ler, em voz alta, as cenas abaixo e perguntar se a ação da pessoa do cenário é violenta ou não-violenta. Pedir que as pessoas ocupem lugar em relação à divisória, dependendo de sua posição. A seguir o facilitador pergunta :
 - a) Um grupo de bancários grevistas, preocupados em impedir o acesso dos seus colegas ao banco, coloca um tapete de flores bem na porta do banco, com o seguinte cartaz: “Não pise nas flores”. A ação desses grevistas é violenta ou não-violenta?
 - b) Gandhi, para acelerar o processo de independência do seu país, Índia, da dominação da Inglaterra – e diante da proibição britânica de que os indianos sequer fabricassem seus tecidos – organiza uma grande queima de tecidos britânicos. A ação do líder indiano é violenta ou não-violenta?
 - c) Os negros americanos, diante das leis segregacionistas que impediam seu acesso a determinados ambientes, estritamente freqüentados por brancos, organizam “sit-ins”, isto é, entram nestes lugares, como por exemplo, um bar, sentam-se e não se levantam e nem se intimidam diante dos mais diversos tipos de pressão. A ação adotada é violenta ou não-violenta?
 - d) Jesus, conforme narram os evangelhos, encontra no templo de Jerusalém uma multidão de vendedores e cambistas que transformaram aquele lugar num “covil de ladrões”. Brandindo um



chicote, os expulsa do templo, derrubando suas mesas e pertences. A ação de Jesus é violenta ou não-violenta?

- e) Um grupo de agricultores, desejando trabalhar na terra, mas vendo-se na condição de que esta lhes é negada, organiza um movimento para provocar um debate público sobre a distribuição das terras improdutivas e agilizar ações neste sentido. Entre as diversas estratégias adotam as manifestações públicas e a invasão de prédios públicos. A ação deste movimento é violenta ou não-violenta?
 - f) Um sacerdote católico, vendo a sua comunidade exposta às mais diversas situações de dominação política, social, econômica e cultural, entende que não basta mais ficar apenas no nível da teoria e do discurso. Engaja-se num grupo guerrilheiro e parte para as montanhas para libertar seu povo destas humilhações. A ação desse padre é violenta ou não-violenta?
 - g) Sílvia e Ricardo, guiados por suas consciências, penetram clandestinamente numa fábrica de armas para destruir algumas armas. A ação de Sílvia e Ricardo é violenta ou não-violenta?
5. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Segundo momento: percepção e aprofundamento do tema/problema

6. Introdução do facilitador sobre a temática da não-violência

O conceito de não-violência tem suas raízes no século XIX, nos grupos nacionalistas que descobriram ser a ação não-violenta útil na resistência a um inimigo estrangeiro ou a leis alienígenas; nos membros de sindicatos e de outros radicais da sociedade que buscavam um meio de luta, sobretudo greves gerais e boicotes, contra aquilo que consideravam um sistema social injusto; no pensamento de personalidades como o escritor russo León Tolstoi (1828-1910) e o americano Henry David Thoreau (1817-1862); e, finalmente, nos adversários do despotismo, como na Rússia. Mas foi no século XX que se desenvolveu, especialmente pela contribuição de Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948), quem deu a mais significativa contribuição pessoal à história da técnica não-violenta, com suas experiências políticas no uso da não-cooperação, desobediência e desafio objetivando controlar governantes, alterar políticas governamentais e minar sistemas políticos. A partir daí, o movimento de não-violência ganhou expressividade e abrangência, multiplicando-se através de vários movimentos, como, por exemplo, o combate à segregação racial, a luta pelos direitos humanos, a resistência ao militarismo, a busca pela democracia nas sociedades do leste europeu, etc. Mas o que significa não-violência? É apenas recusa da violência? Confundir-se-ia com passividade? Qual o espaço da mudança social na noção de não-violência? E da mudança pessoal?

7. Estudo do texto "Não-violência: estratégia de mudança e estilo de vida" (Recurso de Apoio 1).

8. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.

9. Pontualizações do facilitador. É importante salientar os seguintes aspectos:

- as três posturas diante da violência e da injustiça: a passividade, a contra-violência e a não-violência;
- as duas dimensões da noção de não-violência, como ahimsa e satyagraha, isto é, como recusa da violência e como efetivação de uma transformação social;
- a não-violência como caminho que reúne mudança pessoal e transformação social.

Quarto momento: síntese

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

10. Trabalho em pequenos grupos, com papelógrafo:

- O que é não-violência?
- Diferença entre passividade, contra-violência e não-violência.

11. Plenário.

12. Pontualizações do facilitador.

Quinto momento: reconstrução da prática

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

13. Momento de encontro em pequenos grupos para, a partir do referencial estudado, escolher uma situação de injustiça e planejar uma ação não-violenta para transformá-la.



14. Plenário.

15. Pontualizações do facilitador.

Pode-se ler – se houver tempo – ou apontar para uma leitura posterior do Recurso de Apoio 2 - Organizando uma ação não-violenta.

Sexto momento: avaliação

16. Espontânea: idéias e sugestões trazidas por esta oficina? Perguntas a serem, ainda, perseguidas?

Sétimo momento: confraternização

17. Música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento.

Material necessário

1. Lata ou pedaço de pau para fazer barulho.
2. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
3. Papelógrafo.
4. Canetas hidrográficas.
5. Aparelho de som e música de fundo.

Bibliografia

- CLARET, Martin. *O poder da não-violência*. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda. 1996.
- ENCONTRO DOS BISPOS DA AMÉRICA LATINA. *A não-violência evangélica, força de libertação*. São Paulo: Loyola, 1979.
- FRAGOSO, Antônio et alii. *A firmeza permanente*. São Paulo: Loyola, 1977.
- GALTUNG, Johan. *O caminho é a meta: Gandhi hoje*. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- GANDHI, Mahatma. *Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a verdade*. São Paulo: Palas Athena, 1999.
- HÄRING, Bernhard. *La no-violencia*. Barcelona: Herder, 1989.
- MACIEL, Creuza. *Não-violência: uma estratégia revolucionária*. São Paulo, Editora FTD, 1988.
- MULLER, Jean-Marie. *O princípio de não-violência: percurso filosófico*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- PRIETO, Luis Corral. *La no-violencia: historia y perspectivas cristianas*. Madrid, Editorial CCS, 1993.
- THOREAU, Henry David. *Desobedecendo: a desobediência civil e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Recurso de Apoio 1: Texto Não-violência: estratégia de mudança e estilo de vida

Oficina 3

Não-violência: estratégia de mudança e estilo de vida

Embora muitas vezes a frase seja atribuída a Gandhi, foi o pastor americano A. J. Muste (1885-1967), um dos grandes líderes do pacifismo do século XX, quem afirmou certa vez: “Não existe caminho para a paz: a paz é o caminho”. Esta afirmação, frequentemente repetida por aqueles que se engajam na luta pela paz, bem expressa um aspecto metodológico central: a relação que deve existir entre meios e fins em toda e qualquer atividade pacifista. Isto é, os meios são embriões dos fins, como Gandhi costumava repetir, ou os fins estão embutidos nos meios. Dessa forma, os únicos meios eficazes e autênticos para a construção da paz são aqueles que, por si só, sejam sinais de paz. Entre esses meios, destaca-se como um universo o da não-violência.

Para entender o termo não-violência é necessário considerar a vida e o pensamento de Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948). Ele desenvolveu a concepção da não-violência em três momentos principais: a) na África do Sul, onde atuou como advogado, desde 1893, em defesa dos direitos da minoria indiana com direitos civis extremamente limitados; b) na Índia, a partir de 1915, trabalhando em defesa dos *intocáveis*, a maioria pobre, discriminada e considerada impura; c) e, a partir de 1919, na luta pela independência da Índia da dominação do Império Britânico.



Nesses contextos, Gandhi concentrou em dois conceitos-chave seu método não-violento: *ahimsa* e *satyagraha*. A *ahimsa* é a recusa de toda violência. "A não violência é o meu primeiro artigo de fé, é também o último artigo do meu credo", dizia ele. Gandhi recusava-se a acreditar que fosse necessário recorrer à violência para combater a violência, por entender que o efeito produzido corria o risco de ser contrário àquilo que se pretendia, alongando e reforçando a cadeia de violência. Responder à violência pela violência é submeter-se à lógica da violência e reforçar o seu poder sobre a realidade. A única maneira de resistir é, pois, destruir a sua lógica começando por abster-se de reforçá-la. Por isso, dizia: "A não-violência é a completa ausência de mal querer para com tudo o que vive. A não-violência, sob a sua forma ativa, é boa vontade para com tudo o que vive. Ela é amor perfeito".

Renunciando à violência, Gandhi coloca outra força em seu lugar: a *satyagraha*. Explica ele: "*Satya* (verdade) implica o amor e *agraha* (firmeza) serve de sinônimo de força. Comecei, assim, a denominar o movimento indiano de *satyagraha* e por ele entendia a força que nasce da verdade e do amor (...) O seu significado fundamental é a adesão à verdade e, por conseguinte, a força da verdade. Chamei-lhe igualmente força do amor ou força da alma". Por isso, a não-violência proposta por Gandhi é chamada também de *não-violência ativa* ou de firmeza permanente. Quem não usa a violência não é necessariamente um não-violento: para sê-lo é preciso buscar a justiça através da verdade.

As normas de *satyagraha* de Gandhi podem ser colocadas entre os novos instrumentos da paz e da justiça. Eis algumas que ele costumava repetir: "Deixe *ahimsa* guiar todos os seus pensamentos e preocupações! Identifique-se com amor com aquele com quem você se opõe! Sua luta não deve ser primeiramente contra algo mas por um objetivo positivo! Ofereça ao seu adversário um sinal de verdade! Dê o primeiro passo! Nunca julgue seu oponente ou alguém mais duramente que a si mesmo! Não mate! Não force seu oponente, ajude-o a mudar seu coração, conquiste-o para o bem! Lute contra a injustiça e a mentira, mas nunca contra pessoas! Não leve vantagem da fraqueza do seu adversário! Esteja disposto a fazer sacrifícios! Tente entender o ponto de vista do seu oponente! Seja leal até onde você pode! Nunca cometa sabotagem! Considere a covardia tão terrível quanto violência!".

Diante da injustiça e da violência, há, basicamente, três reações: a) passividade; b) contra-violência; c) não-violência.

A não-violência não se identifica com passividade diante da injustiça ou da violência: muitas vezes, confunde-se pacifismo e passividade. Passividade é um fechamento voluntário diante de uma injustiça, uma aceitação tácita da situação que se criou, ao invés de assumir a responsabilidade humana de lutar contra ela. Entre as razões da passividade podemos identificar o medo das consequências de se opor à injustiça e a complexidade de situações injustas que nos cercam, as quais cria um sentimento de ser fraco e impotente para mudar a realidade. Não se devem esconder conflitos, divergências, injustiças e violência, mas procurar uma maneira de resolvê-los. A passividade contribui para manter, reforçar e aumentar a injustiça.

A não-violência opõe-se, igualmente, à contra-violência, isto é, à atitude de opor-se à injustiça através dos meios violentos. A contra-violência é adotada, muitas vezes, porque se desconhece outra maneira de lutar contra a injustiça: o teólogo luterano Walter Wink criou a expressão *o mito da violência redentora* para expressar esta crença ilusória na possibilidade da violência e da guerra como solução para situações de sofrimento injusto. A lógica da contra-violência exige sempre o uso de meios mais violentos de pressão ou de destruição do que o adversário, o que contribui para a criação, segundo a expressão de Dom Helder Câmara, da *espiral da violência*. Isto pode ser observado tanto nos pequenos conflitos do cotidiano, como nas grandes guerras, ou ainda no campo da corrida armamentista, onde cada lado insiste em incrementar seu arsenal de armas de dissuasão, investindo bilhões e bilhões de dólares que deveriam servir para a vida dos povos. O caminho da contra-violência permite, ainda, que o agressor dite os meios da luta: quando se assumem os meios violentos, deixa-se contaminar pelas atitudes de desprezo e de falta de respeito pela pessoa humana e se aceita a utilização de meios que diminuem e destroem os outros. Qualquer vitória imposta, seja num conflito grande ou pequeno, impede uma mudança de atitude e é apenas uma vitória artificial. Injustiça e violência brotam de novo e, por vezes, com mais força ainda.

A partir da não-violência ativa, tem-se uma perspectiva totalmente diferente: rejeita-se categoricamente toda passividade e rejeita-se toda violência da mesma forma, mesmo que venha apresentada como um meio de lutar contra o que nos oprime. Substitui-se a violência pela força da verdade,



da justiça e do amor. A perspectiva da não-violência ativa é ver e analisar as injustiças em todas as suas dimensões: lutar para conquistar a justiça e libertar, não apenas suas vítimas, mas também aqueles que são responsáveis pela violência, tanto o oprimido como o opressor. Quando se usa a contra-violência, o adversário é identificado com a injustiça que cometeu e ele é morto para vencer a injustiça; ao contrário, na situação de não-violência ativa, onde a pessoa ou grupo é separado do mal que fez, luta-se para vencer a injustiça, para tornar sua existência impossível, pelas estratégias de não-cooperação. Mas, ao mesmo tempo, compromete-se a transformar as atitudes daqueles que são responsáveis. Os agressores são incluídos no processo de libertação. Desse modo, promove-se a mudança dos conceitos nas mentes de pessoas, criando novas atitudes; é assim que a transformação de uma situação e a reconciliação se torna possíveis.

A não-violência apresenta-se, ao mesmo tempo, como um caminho que une a mudança pessoal e a transformação social. É conhecida a máxima gandhiana “*seja você a mudança que deseja para o mundo*”, chamando a atenção para esta dimensão de mudança pessoal que a não-violência traz. Ela é, em primeiro lugar, um estilo de vida. Mas constitui-se também numa forma de transformação da sociedade, como se pode observar em tantas práticas. Frequentemente, acusa-se a não-violência de idealista e utópica. Ora, quem é ilusória é a violência, que jamais cumpre o que promete. A não-violência é ela, sim, a parteira da história!

Recurso de Apoio 2: Texto *Organizando uma ação não-violenta*

Oficina 3

Organizando uma ação não-violenta

Para organizar uma estratégia de ação não-violenta, pode-se lançar mão do seguinte roteiro:

1. Recuperar a capacidade de escandalizar-se diante da injustiça: É o que se chama comumente de “capacidade de indignação”, isto é, de ativar nossa sensibilidade diante da injustiça. Trata-se de exercitar um outro olhar, para além das evidências.
2. Analisar a situação: É o que Gandhi chamava de “procura da verdade”. Trata-se de procurar entender as responsabilidades, as causas, quem lucra com a situação, quem a mantém por medo ou por desinformação, a quem interessa que a situação não mude, etc. Assim se buscam informações que muitas vezes são escondidas.
3. Denunciar, tornar visível e público o problema: Trata-se, basicamente, de envolver pessoas na reflexão da questão e na busca de causas e soluções, ativando o recurso da “força do número” e da organização e articulação.
4. Negociar: Procurar modificar a situação, dando aos responsáveis a oportunidade de caminhar rumo a uma solução satisfatória para as partes. Frequentemente, neste momento, é oportuna a presença dos mediadores que sustentam e defendem a dignidade das partes mais fracas.
5. A não-colaboração: Permite retirar um apoio à continuidade da opressão: “comigo não contam!”. São exemplos de não colaboração: a objeção de consciência ao exército, a retirada de investimentos em banco que participa do tráfico de armas ou que tem relações com regimes injustos. As nossas ações e escolhas não são neutras, mas sustentam as situações e o estilo de sociedade em que vivemos. Segundo Alex Zanotelli, “toda vez que vamos ao supermercado, votamos”. Não podemos reservar toda a culpa aos outros.
6. A desobediência civil a uma lei injusta: É um grau maior de risco. Esta ação pública (não se trata de um ladrão que foge da justiça) visa colocar em evidência uma injustiça. Os inocentes que aceitam e assumem as punições previstas por desobedecer a uma lei comunicam sua indignação e seu propósito de ver a situação transformada. A aceitação das consequências (multas, prisão, processos...) busca tocar a opinião pública, levando a população a se unir por uma causa que põe um bem coletivo acima dos bens individuais (a minha liberdade, a minha saúde...).
7. A ação direta: É o recurso a ser usado quando nenhum dos outros caminhos deu fruto satisfatório. Trata-se de ação de força (a não-violência não é passividade e a força não quer dizer violência) que visa



demonstrar o poder da parte mais fraca (a força do número e da organização, a capacidade de convocar a opinião pública, a aceitação das sanções...). É um modo de impedir que os poderosos continuem a ignorar o problema e a exercer impunemente a sua ação injusta. Exemplos conhecidos: o boicote, a greve, a ocupação.

8. A busca de alternativas: Não basta apenas desobedecer, não colaborar, boicotar, mas é necessário buscar as alternativas para a situação que se deseja mudar. A busca de alternativas é um momento central da ação não-violenta, sem o qual a estratégia falha. Aqui podemos lembrar exemplos de Defesa Não-Armada ou Defesa Popular Não-Violenta, de Modelos educativos, de Modelos Econômicos – como o comércio solidário ou o Banco Familiar de Justiça -, da gestão dos recursos naturais, etc.